

SUL-AMERICANO

— ORGAM IMPARCIAL —

Redactores diversos. — Proprietario: Francisco d'Assis Costa.

| | | | | |
|---------|-----------------------------|------------------------------|------------------------|-------|
| ANNO II | ASSIGNATURAS | ESTADO DE SANTA CATHARINA | REDACÇÃO | N. 26 |
| | CAPITAL | | 10-B-Rua Trajano-10 B | |
| | Trez mezes 2\$000 | Domingo, 22 de Abril de 1900 | Numero avulso 200 reis | |
| | PELO CORREIO | | | |
| | Seis mezes 4\$500 | | | |

Guerra anglo-transwaaliana

VII

Quando iniciámos a serie destes artigos tivemos por escopo provar que não é sómente a Inglaterra a unica nação conquistadora, o unico povo que procura dilatar o território que possue.

Não nos moveu outro intento, garantimos.

Desempenhando a tarefa — mostrámos á luz da Historia, com os factos, que a Allemanha, por exemplo, conquistou em 15 annos, mais ou menos, territorios immensos.

Mostrámos que a França — o berço da liberdade, terra onde foram proclamados os direitos do homem — movida pelo interesse, cega pela ambição, tambem procura estender sua influencia a todas as partes do globo, principalmente á America, que, em não remoto futuro, servirá de palco á sangrentas luctas.

Mostrámos ainda que a autocrata Russia, o colosso europeu, — embora preso ainda a costumes antagonicos á civilisação, — tem conseguido fazer sentir sua influencia até nos longiquos paizes da Asia.

Provámos, ou pelo menos tentámos fazel-o, que o sentimento que move a Grã-Bretanha, move tambem todas as grandes potencias europeas.

Porque, pois, ante os factos que não admittem controversia, se acoima sómente a Inglaterra de *ambiciosa e interesseira*, si todas as nações da Europa, impellidas pelo mesmo desejo, dominadas pela mesma idéa, tentam alargar os seus dominios, augmentar o numero de suas possessões, multiplicando assim o numero dos seus subditos?

Essa injustiça feita á Inglaterra, — a essa nacionalidade que teve a gloria suprema

de ser a primeira a libertar todos os escravos de suas colonias, incluindo os do Transwaal, com o que despendeu, como indemnisação, 3,000,000 milhões; — a essa nacionalidade que foi a primeira a decretar plena liberdade de imprensa, si não nos enganamos, — actuou sobre o nosso espirito, que se revolta todas as vezes que se falta á verdade, que um crime se perpetra impunemente, que uma mentira campeia como verdade.

Foi essa injustiça irrogada á Inglaterra que fez com que escrevessemos estas linhas, sem pretensões, em defeza do correcto povo britannico.

E, fazendo brilhar a verdade dos factos, com estes provámos que essa antipathia quasi geral no paiz, não tem razão de ser.

Assim procedendo, de accordo com a nossa consciencia, pensamos ter cumprido um dever, com o que ficamos intimamente satisfeito.

(Continúa)

— 3333 —

SANTA CATHARINA

Para a commemoração do 4º centenario do descobrimento do Brazil, o nosso conterraneo sr. Virgilio Varzea escreveu um livro, sobre o nosso Estado, intitulado-o: SANTA CATHARINA.

A activa e patriótica directoria do *Centro Catharinense*, chamando a si a responsabilidade da publicação desse livro, dirigio-se ao governo do Estado, pedindo um auxilio para as despesas a effectuar-se com o trabalho da impressão.

O sr. dr. governador do Estado, acudindo ao apello feito em nome da hospitaleira terra de que é filho, habilitou o thesouro com o credito de 1:000\$000, declarando no acto que a publicação do alludido livro deixava de ser feita por conta dos cofres publicos, em vista das condições precarias em que se encontra o mesmo thesouro.

Elogiando a resolução de s. ex. que, sem hesitação e sem perda de tempo, satisfez, em parte, o desejo do *Centro Catharinense*, felicitamos d'aqui, das columnas deste modesto jornal, ao operoso conterraneo sr. Virgilio Varzea, cujo coração palpita com vehemencia pela prodigiosa, pela abençoada, pela querida — terra catharinense.

— 3333 —

CHROMOS — no Gabinete Sul-Americano.

V. Varzea

O povo de Jehovah

DISSERTAÇÃO HISTÓRICA

Um povo existe ainda hoje, emquanto que a sua origem perde-se em obscuro passado.

Vendo cair em torno de si, uma após outra, altivas nações que o haviam opprimido sob os grilhões do captivo, esse povo, qual Ashaveró, parece eterno.

Caminha, caminha sempre, sem patria, sem templo; mas entretanto conserva inalteravel a sua religião, e em qualquer parte a que o arremesse o seu infortunio, comsigo leva os usos e costumes da chorada patria de que foi atrozmente expulso.

Tal constancia só a tem o povo judeu, de cuja historia nos vamos occupar em largos traços.

Em uma época difficil de fixar, pela sua antiguidade, deixaram os Semitas as altas regiões do massiço armenio e desceram para as fertes planícies banhadas pelos rios Tigre e Euphrates.

Uma de suas tribus, tempos depois, preferiu emigrar para o occidente. Transpôz o Euphrates; atirou-se pelo deserto; atravessou a Syria; e acabou por estabelecer-se nas terras por onde corre o Jordão.

Era a tribu dos Hebreus que tomava posse da terra de Chanaan.

A sua vida, que fóra primitivamente pastoril e portanto nomade, tornou-se então agrícola.

Abrahão, o patriarcha, exercea a suprema auctoridade sobre os hebreus. Succedeu-lhe o seu filho Isaac, e apoz este, Jacob. Deste ultimo nasceram os chefes das 12 tribus chamadas de Israel, em que dividiram-se depois os hebreus.

Por esse tempo, e quando ainda vivia Jacob, uma grande fome assolou o paiz que habitavam, o que os levou a abandonal-o e a procurarem abrigo no Egypto, onde José, um dos filhos de Jacob, occupava o cargo de primeiro ministro do pharaó.

Ahi viveram elles largos annos.

Talvez nunca mais pensassem em voltar para Chanaan, se a amizade e consideração que lhes dispensavam os primeiros pharaós, não fossem substituidas pela mais dura oppressão que sobre elles exerceram os successores daquelles monarchas.

E' nessa occasião que apparece Moysès.

Testemunha ocular do soffrimento, porque passavam os seus compatriotas, este grande homem tomou sobre os seus hombros o difficillimo encargo de arrancal-os do Egypto, apontando-lhes ao longe a antiga patria, que chamou Terra da Promissão.

Partem, apesar dos multiplos obstaculos creados pelo pharaó.

Moysès, em sua alta sabedoria, reconhece desde logo a necessidade de disciplinar o povo que ia dirigir, de mantel-o na obediencia. Para o conseguir, apenas deixa o Egypto, apresenta-lhe em nome de Jehovah, seu Deus, as Taboas da Lei, o Decalogo.

Longa foi a peregrinação dos hebreus pelo deserto. Taes provações soffreram, que muitas vezes chegaram a arrepender-se de ter prestado ouvidos a Moysès, de ter emprehendido uma tal viagem, pois menos penosa consideravam a vida que haviam passado no Egypto.

Por fim chegavam sempre ás fronteiras de Chanaan, ás margens do Jordão.

A terra da Promissão não estava deserta: varios povos nella se tinham estabelecido durante a estada dos hebreus no Egypto. Era preciso vencel-os para occupal-a.

Comença então para os hebreus uma época de luctas incessantes, em que são ora vencedores, ora vencidos.

Primeiramente governados por um conselho de anciãos, confiaram depois a mãos mais fortes, aos juizes, a suprema auctoridade.

Pouco a pouco foram dilatando o seu territorio.

A exemplo dos povos vizinhos que tinham seus reis, quizeram tambem os hebreus a monarchia.

Sagrado o Summo Sacerdote Samuel a Saul, cujo reinado acabou por uma guerra civil, de que resultou escolher em algumas tribus a David como seu rei. A morte de Saul, no monte Gelboè, terminou a discórdia unindo novamente as tribus hebreas.

Foi glorioso o reinado de David. Jeruslém, até esse tempo, em poder dos Jebusitas, foi-lhes tomada. A arca santa, que tinha sido outrora arrebatada pelos philistins, voltou para o poder dos hebreus. Sobre o monte Sião ergueu-se o palacio real.

Succedeu-lhe seu filho Salomão, cujo nome echo até hoje muito longe, ta a fama que apregouava os seus feitos bellicos. Reunindo um espirito esclarecido a uma grande actividade, Salomão elevou o seu paiz ao apogeo da grandez. Os hebreus, que apenas tinham tido, desde a sua vinda do Egypto, o modesto tabernaculo, vieram com admiração erguer-se o célebre templo de Jeruslém, um dos mais notaveis edificios daquelle tempo, no seu genero.

(Continua)

Prophecias

L'Echo de Paris publicou recentemente uma curiosa *interview* que Octave Orzanne teve com uma vidente. Na impossibilidade de traduzirmos esse largo artigo, no qual se vaticinam para os annos de 1900 e 1901 grandes difficuldades para a Inglaterra na Africa do Sul e na India, e para os Estados Unidos nas Filipinas.

A morte de Francisco José, no outomno de 1901, dará causa a grandes conflictos.

Acerca deste anno disse a vidente:

« Em 1900 a rainha Victoria extinguir-se-á, em meio da afflicção da derrota.

O papa Leão XIII, cuja vida está actualmente vacillante e precaria como a luz pallida de uma lamparina, seguirá de perto a rainha da Inglaterra, para a tumba.

Os bravos boers « que Deus designou para castigarem a soberbia e a cupidéz d'Albion » continuarão a administrar magistraes surras nos inglezes.

O principe de Galles será rei da Inglaterra e o cardeal B. succederá a Leão XIII. »

Serões de inverno — Leitura para todos

Magnificos romances dos melhores autores. — 1 vol. encadernado 1\$500, no

GABINETE SUL-AMERICANO

Transwaal

ESCRITO EXPRESSAMENTE PARA O «SUL-AMERICANO»

(Continuação do n. 18)

VIII

Em 1830, mais ou menos, era assassinado pelos cafres, trizoeiramente, Pietr Retief, hollandez de origem que, contra a Grã-Bretanha, procurava tornar o Transwaal independente.

Esse assassinato, praticado fria e barbaramente pelos cafres, pedia reparação.

Para vingar a morte desse grande homem appareceram Andrees Pretorius e Gert Maritz, os quaes, pond-se á frente de milhares de homens, declaram guerra de xterminio aos cafres.

Estes, derrotados completamente foram e, no lugar em que se deu a batalha decisiva, os vencedores, honrando a memoria do assassinado, fundaram uma cidade a que deram o nome de Pietermaritzburg.

Os *boers* alim-ntavam a esperanza de viverem socegados na nova capital.

Essa esperanza, porém, cedo foi frustrada.

Asim que a nova capital, pelo trabalho dos seus habitantes, começou a florescer, o governo da Inglaterra declarou que seus subditos não tinham o direito de fundar uma nova cidade, adiante de Cap, ordenando em seguida a occupação de Pietermaritzburg.

Com effeito, em esta cidade sido occupada pelos inglezes, os *boers*, que não quizeram viver sob o dominio inglez, a abandonaram, caminhando, sob a direcção de Pretorius, até o terreno que separa os rios Orange e Vaal e no qual fixaram residencia.

Fendo, porém, em Fevereiro de 1849, Sir Harry Smilk, por ordem da rainha, se assenhoreou de todo o territorio, inclusive tambem o Orange, milhares de *boers*, fi da sob a direcção de Pretorius e após uma grande batalha, se dirigiram para além do Vaal, para onde muitos *boers* tinham antes se dirigido.

Ahi, em numero de 6.000, os *boers* fundaram Transwaal, após luctis encarnicantes que tiveram de sustentar com os *matabeles*, de indole guerreira, e de-

pois Lydenburg, Zaulpausberg e Utrecht, isto è, tres novas republicas independentes.

Os *matabeles*, vencidos, haviam-se retirado para além de Limpopo.

De balde Sir Harry Smilk e forçou-se em attrahir os *boers* para o Natal.

Em Janeiro de 1852, Pretorius alcançou um accordo com a Inglaterra, do qual eram principaes condições:

—1.ª além do rio Vaal a Inglaterra em caso algum poderá intervir;

—2.ª a nenhum subdito inglez é licito estabelecer-se ao norte do Vaal.

A Inglaterra, como condição, impoz tambem a libertação de todos os escravos, o que foi accedido pelos *boers*.

Dois annos depois, em 1854, a Inglaterra deu liberdade ao Estado de Orange.

As quatro republicas então, Pietermaritzburg, Lydenburg, Zaulpausberg e Utrecht uniram-se em 1859, fundando a republica sul-africana.

Pelos brancos, ou naturaes do paiz, foram os homens mais intelligentes eleitos para o *Volksraad* que tratou de fazer leis patrioticas, que trouxeram o progresso á republica crescente.

Esse congresso (*Volksraad*) elegeu presidente da republica, por cinco annos, Martinus Wessel Pretorius, filho de Pretorius, annos antes assassinado. O terreno da nova e promettedora republica era, em geral, montanhoso.

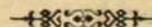
Rico, cortinha minas de carvão e ferro, ouro e prata em quantidade.

Perto da cidade de Pretoria, fundada em honra de Pretorius, uma mina de ouro importante foi descoberta e explorada.

(Continúa)



As pessoas que tomaram assignaturas da *Revista Catharinense* e quizerem deslê já pagal-as, poderão entender-se com o cidadão Francisco d'Assis Costa, no Gabinete Sul-Americano, em cujo poder estão os respectivos talões.



VINHOS PORTUGUEZES — diversas marcas, no armazem de Fernandes Neves & C.

NEBULOSOS

XLVIII

Supremo goso

«Ai! si eu pudesse, Magd'lena pura,» (*)
beijar teu seio túmido, ondeante,
n'um transporte de goso, delirante,
de uma paixão sem termo na loucura,
sobre a terra teria a môr ventura
de toda a vida, — n'um supremo instante, —
gosado, louco, oh! minha doce amante,
oh! soberana flôr da formosura!

Que mais pudera desejar de goso,
após beijado ter, doudo de ardores,
teu seio branco, ardente e primoroso?...

Depois de um goso tal — de sôl e flôres,
— astro de amôr sublime e glorioso, —
morrer nos braços teus, ebrio de amôres! —

187...

(*) Casimiro de Abreu. — «Primaveras».

HORACIO NUNES

XLIX

Enigma

Ha no teu doce olhar avelludado
um — quê — que nunca adivinhar eu pude:
— um clarão de recato perfumado,
um lampejo do vicio altivo e rude;

a luz divina de um amôr sagrado,
uma expressão hypocrita que illude,
o fulgôr de um desejo ardente, ousado,
a scentelha sublime da virtude;

o sol da crença, a dôr do scepticismo,
gelo do tédio, da paixão a ardencia,
céo todo azul, profundo e negro abysmo;

um mixto, emfim, de crime e de innocencia,
— odio, amôr, treva, luz, pudôr, cynismo...
— lama da terra e divinal essencia! —

189...

Parnaso

NOTE

*A causa da liberdade**Periga lá no Transwaal.*

Recebemos as seguintes

GLOSAS

Seus deveres comprehende,
é nobre, tem lealdade
todo aquelle que defende
a causa da liberdade.

Anhelando a flicidade,
o boer bate o rival
com bravura sem igual;
p'ra elle sorri a gloria,
e no entanto a victoria
periga lá no Transwaal.

Serriramis.

Si houvesse fraternidade,
Reinaria a paz na terra;
E amaria a Inglaterra
A causa da liberdade.
O principio de igualdade
Não é senão ideal;
O que é somente real,
E' a acção da tyrannia;
Que d'um povo a autonomia
Periga lá no Transwaal.

A. P.

Já na velha antiguidade
Tinha feros oppressores
E tambem bons defensores
A causa da liberdade;
Hoje, por fatalidade,
Em lucta descommunal
Por esse bello ideal
Vemos um povo offendido,
Cujo direito ferido
Periga lá no Transwaal.

Nemo.

Joubert, o transwaalino,
que com toda a heroicid de,
defende, qual spartano,
— *a causa da liberdade,*
Joubert, que tudo affrontava
com seu valor que assombrava,
excedendo ao natural,
vem de feril-o a morte...
por isso do boer a sorte
— *periga lá no transwaal!*

João Duarte.

Na lucta cruel, constante
Em que vive a humanidade,
Nem sempre se he triumphante
A causa da liberdade.
Por tres nações dividida,
Jaz a Polonia sem vida;
Foi do mappo Portugal
Por Bonaparte riscado;
E hoje um povo arrojado
Periga lá no Transwaal.

Um profano.

Em Joubert, ha pouco morto,
laçado á immortalidade,
um defensor encontrára
— *a causa da liberdade!*
Era ousado nos combates,
qual no Chile fôra Prats,
que jamais temeu rival;
mas, passando á eternidade,
dos boers a liberdade
— *periga lá no Transwaal!*

Terencio.

Para hoje temos o seguinte

NOTE

*Lêr o SUL-AMERICANO**E' proficua diversão.*

As glosas serão recebidas até quint -feira.

NEBULOSOS

L

No cemiterio

Riqueza... orgulho... luxo... ostentação... vaidade...
olho em redor... Que vejo?... O marmore custoso,
cinzelado e brilhante, erguendo-se, orgulhoso,
junto da pobre cruz — na terra da igualdade!

Mentira sempre... até no mundo da verdade,
negra ironia atroz, falso sentir doloso
até perante o nada extremo e doloroso
do pó em que termina a pobre humanidade!...

Sempre o forte a pisar o fraco, o abandonado,
sempre o grande esmagando o misero, pequeno,
sempre o feliz ferindo o pobre, o desgraçado!...

Ah! vaidade fatal! — triumpho o teu veneno, —
→ até na morte, assim, — do verbo immaculado,
da palavra de luz do doce Nazareno!...

189...

— FIM —

HÓRACIO NUNES

XLVII

O descrente

Não é vida que eu vivo... A vida é festa, é goso,
perfume, flôr, sorriso, aurora, sól, céu puro,
e não o soffrimento amargo, frio, duro,
da dôr dilacerante o grito doloroso...

A vida é o canto d'alma, o hymno harmonioso
dos jubilos do amôr, dos sonhos do futuro,
e não o vacuo, o abysmo—enorme, fundo, escuro,
do intimo penar, intérmino, amargoso...

Não é vida que eu vivo. Os jubilos que agitam
o coração, o sangue—em ondas de alegria,
jamais, jamais os tive... em mim nunca palpitam...

Alma jamais amada, alma perdida e fria,
á noite da descrença atroz m'a precipitam
o pranto, a dôr, o lucto, a cruz desta agonia!

18...

Collecção alphabetica dos principaes Luzitanismos com a sua traducção em Gallicismos, segundo os melhores autores portuguezes e francezes, trabalho organizado para uso dos que se dedicam ao estudo da lingua franceza.

| | |
|---|--|
| ABAIXA (1) (quem muito se... a calva lhe apparece) | Qui se fait brebis le loup le mange |
| ABARCAR (...o céu com as mãos) | Prendre la lune avec les dents |
| » (quem muito <i>abarca</i> pouco apert) | Qui trop embrasse mal étreint |
| ABROLHOS (quem... semeia espinhos colhe) | Celui qui sème le vent moissonne la tempête |
| ACABAR (é um nunca...) | C'est à n'en point finir |
| » (isto não <i>acaba</i> bem) | Cela va mal tourner |
| ACHAR (ha de... quem o ensine) | Il trouvera son maître |
| ACTOS (cada um responde por seus...) | Qui casse les verres les paie |
| AFFONSIHOS (é do tempo dos...) | Du temps du roi Dagobert |
| AFRICA (metter uma lança n'...) | Surmon'ér une grande difficulté |
| AGARRAR (...a occasião pelos cabellos) | Prendre la balle au bond |
| AGUA (...passada não moe moinho) | Le morceau avalé n'a plus de goût |
| » (pôr... f.ia na fervura) | Mettre de l'eau dans son vin |
| » (... molle em pedra dura tant) dá até que fura) | La goutte creuse la pierre |
| » (isso é claro como...) | Il n'y a nul chiffre à tout cela |
| » (afogar-se em pouca...) | Se noyer dans un verre d'eau |
| » (isso traz... no bico) | Cela a un sens caché |
| » (sem dizer... vai) | Sans dire gare |
| AGULHA (procurar... em palheiro) | Chercher une aiguille dans une botte de foin |
| » (metter <i>agulhas</i> por alfinetes) | Remuer ciel et terre |
| AI JESUS (é o seu...) | C'est son Benj min |
| AJUSTAR (hei de... contas com elle) | Son compte sera bientôt réglé |
| ALHEIO (quem o... veste na praça o despe) | Ce qui est bon à prendre est bon à rendre |
| ALHO (por um... não se desmancha a alhada) | Pour un moine l'abbaye ne faut pas, ne manque pas. |
| » (falar em <i>alhos</i> responder em buzalhos) | Dire blanc, répondre noir |
| » (quem se pica <i>alhos</i> come) | Qui s'excuse s'accuse |
| ALTO (... e bom som) | Haut et clair |
| AMARGURA (pôr alguém na rua da...) | Dire rage de quelqu' un |
| AMIGO (no aperto e no perigo é que se conhece o...) | C'est dans le besoin et le danger qu'on reconnaît lami |
| AMIGOS (... , ... negocios á parte) | Les bons comptes font les bons amis |
| » (entre... não ha ceremonias) | L'amitié passe le gant |
| » (são mui..., unhas e carne) | Ce sont deux têtes dans le même bonnet |
| » (ter cara de poucos...) | Avoir une mine dure |
| AMIZADE (são vãos protestos de...) | C'est de l'eau bénite de cour |
| AMOR (... com... se paga) | L'amour ne se paie que de l'amour |
| ANDORINHA (nem um dedo f z a mão, nem uma... faz o verão) | Une hirondelle ne fait pas le printemps |
| APERTAR (... a caravelha a alguém) | Serrer le bouton à quelqu' un |
| » (cada um sabe onde lhe <i>aperta</i> o sapato) | Nul ne sait mieux que l'âne où le bât le blesse |
| APPARECE (quem não... esquece) | On oublie bientôt les absents |
| APUROS (estar em...) | Etre aux abois. Etre sur le t. emplin |
| » (sahir-se de...) | Revenir bagues sauvés |
| AQUI (...para nós que ninguem nos ouve) | Entre nous soit dit |
| ARCO (dizer coisas do... da velha) | Dire des choses de l'autre monde |
| ARGUEIRO (de um... fazer um cavalleiro) | Faire d'une mouche un éléphant |
| ARREPENDER (haveis de vos...) | Il vous en cuira |
| » (não haveis de vos...) | Vous n'obligerez pas un ingrat |
| ARROMBADA (...a casa trancas n s portas) | Fermer l'écurie quand les chevaux sont dehors |
| ARRÓZ (...quente não é para seu dente) | Ce n'est pas pour vous que le four chauffe |
| ASNO (...chapado) | C'est un sot à trois lettres |
| ASSADOS (nunca se viu em taes...) | Il n'a jamais été à tel es noces |
| ATALAIA (estar de...) | Avoir l'œil au gué |
| ATÉ (...que emfim !) | A la bonne heure ! |
| AVENTUROU (quem não... não perdeu nem ganhou) | Qui ne risque rien n'a rien |
| AZA (estar de .. cahida) | Ne battre que d'une aile |
| » (cortar as <i>azas</i> a alguém) | Rogner les ongles à quelqu' un |
| AZEITES (estar com os...) | Etre de mauvaise humeur |

(1) A reticencia que se acha em cada exemplo deve ser mentalmente substituída pela palavra que vem no principio.